

TÉCHNE, MASCULINO, FEMININO

CONSIDERAÇÕES PSICO-MÍTICO-FILOSÓFICAS

RACHEL GAZOLLA

A *Nicole Loraux*

The Mythical and Philosophical thought was not detached in Ancient Greece as deeply as we deem it to have been nowadays. In that way we intend to think about a human procedure impregnated by a technical view as a manufacturing process connecting it with the human Mythical origin through the myth of Prometheus and Pandora, as they are told by Hesiodus, as a suggestion to amplify the reflexive way concerning the subject itself.

Se Adorno e Horkheimer, na “Dialética do Iluminismo”, têm razão ao considerarem a *Odisséia*, de Homero, uma metáfora da viagem do homem ocidental¹, nossa história apresenta-se como o caminho astucioso de um Sujeito que se estruturou para sobreviver e, prometeicamente, pré-videntemente, utilizou-se da técnica e saiu da temporalidade circular. Odisseu, o *polimētis*, faz como Prometeu: seus passos futuros são previstos como se pudesse ter diante dos olhos todo o processo, um modo astucioso de enfrentar sofrimentos, um modo inventivo (*méchanikós*) de controlar dificuldades.

O homem ocidental desenvolveu a sagacidade previsível de Prometeu e a polimorfia da divina Métis, a deusa da astúcia, e pôde tornar-se um

Rachel Gazolla de Andrade é professora de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. Ref. artigo Prof. Olgária Matos nesta revista.

ser cronológico, capaz de buscar o domínio das profundidades e das alturas. Por que, apesar do grande desenvolvimento desse poder, o sentimento de fragilidade continuou nele, desconfortável?

Hoje, dispensamos a força do mito e seus deuses; imaginamos que essa força, agora, nos pertence; cremos apanhar, na rede do conhecimento, as coisas e pessoas. Todavia, sentimos o que não esperávamos sentir enquanto sujeitos prometeicos: a carência de uma vida feliz. Buscamos através do desenvolvimento técnico-científico a tranqüilidade almejada, a par e passo com o descobrimento do que a natureza esconde. Todavia, por que ao indagarmos sobre 'uma vida feliz', tal expressão sabe à ingenuidade? Pretende a Ciência presentear-nos com a longevidade (é verdade que temos mais doenças); deu-nos o conhecimento do micro e macro cosmo (é verdade que perdemos o sagrado); ensinou a racionalização dos governos e das leis (é verdade que aguardamos a justiça); ofereceu a rapidez das comunicações e a virtualidade informática (é verdade que estamos perdendo a interioridade). O que nos traz, afinal, o sentimento de que somos deuses, porém caídos², de que nunca chegamos onde prevermos chegar? Os homens esqueceram que, como no mito de Aristófanes (no *Banquete* de Platão), querer igualar-se aos deuses traz necessariamente o castigo.

O desconforto talvez esteja na percepção de que quanto mais vemos o poder humano aumentar, maior nos parece a fragilidade desse nosso gênero. Parece longe o ideal antigo da vida simples, um outro ângulo para contornar sofrimentos e dificuldades. Olhar o mundo como espectador, um olhar poético-filosófico, parece-nos uma postura desprovida de sentido. Diz Lucrécio (*De rerum Natura*, II, 17):³

...Basta-nos, entre amigos, estender-nos sobre a doce relva, ao longo da água corrente, sob os ramos de um grande árvore, de poder com algum frescor apaziguar agradavelmente nossa fome, sobretudo quando o tempo sorri e a estação pontilha de flores a grama verdejante.

A imagem que nos traz essa citação é bucólica, e seu sentido é bem mais de um momento de lazer para quebrar a vida agitada, e bem menos um estilo de viver. Assim foi, um dia, o ideal de vida (e não de lazer) de filósofos e poetas: próximos a Pan, a Aphrodite, Dioniso quem sabe.

2. Ref. ao artigo do Prof. Ricardo Espinoza nesta revista.

3. Cit. de Pierre Hadot no seu estudo sobre a relação do homem antigo com a natureza in *Études de Philosophie Ancienne*, p. 309, ed. B. Lettres.

I. O MITO DA HERANÇA PROMETEICA

Sabe o Ocidente sobre dois *mýthoi* de Hesíodo. Na *Teogonia*, o de Prometeu e o roubo do fogo de Zeus para dar aos homens; em *Os trabalhos e os dias*, o de Pandora, um presente dado aos homens por Zeus como castigo pelo roubo (também narrado na *Teogonia*). Deve-se lembrar, ainda, que em Homero, na *Ilíada*, é marcado várias vezes que os guerreiros pedem auxílio aos deuses e estes dividem-se nos cuidados aos homens, gratos pelas reverências que recebem. Tal lembrança diz do mundo sacralizado, quando o homem tem no imaginário uma certa geografia: são três os domínios do cosmo, o das alturas – o ar e a luz olímpicas –; das profundezas – o Tártaro nevoento e os subterrâneos do Hades –; da umidade instável – as águas de Okeanos e Poseídon.

Em três moradas divide-se o *éthos* dos deuses, mas em uma só, intermediária e dependente das outras, está a casa dos homens: na superfície, no solo firme necessitado de raízes para manter-se. Gaia, de amplos seios, resguarda seus filhos e tudo recebe e sustenta, deuses e homens, como disse Hesíodo. Quanto às profundezas do Tártaro nevoento, não tem ele fronteiras.⁴

Sabem os homens do esforço para adequarem-se a essa morada. Tiveram que aprender a trabalhar e, ao fazê-lo, criaram valores nascidos dessa necessidade. Esse agir modificador, esse agir técnico afinal deu-lhe um novo olhar ao mundo. O trabalho técnico, processual na sua essência, obedeceu à tensão entre a força da coisa a ser transformada pelas mãos do homem e a própria força dessas mãos direcionadas para uma finalidade. O processar técnico formou, na insistência para a vida, um modo específico de olhar a si mesmo e ao todo. Essa é sua grande força. Todavia, poderia não ter ocorrido esse olhar com tanta veemência, mas Prometeu é dominador e quer submeter sempre com interesse. E o vício no olhar ocorreu. Talvez por esse vício de perspectiva, alguns homens mais viciados que outros falem, hoje, no 'fim da história', fim de uma Odisséia, como se a historicidade seguisse o molde do processo fabricante cuja finalidade é a produção de algo determinado.

Se Homero narra na *Odisséia*, diríamos, a nossa historicidade, Hesíodo narra a gênese dos deuses, nossa matriz. E, primariamente, o homem

4. Para maior aprofundamento a respeito, a obra de J.P. Vernant *Mito e pensamento entre os gregos*, cap. III (A organização do espaço), ed. Difel-Usp

recebe duas heranças divinas: a primeira, a de Prometeu, para o devido aprendizado e sobrevivência, uma herança nascida da luta entre deuses; a segunda, a resposta de Zeus como castigo, é Pandora, o belo-mal, um presente que espalha pezares (*Trab. e Dias*, v.95), artifício olímpico que obriga a vivenciar um ser terrível e sedutor, antes inexistente, ou seja, obriga o homem a vivenciar a diferença.

Teve a raça dos seres viris que se haver, de uma só vez, com dádivas ambíguas, um dom e um castigo interligados. Talvez não soube esse primeiro gênero, na sua historicidade, dar valores e compleição acertadas ao segundo gênero, à falta de compreender-se como ser dual primariamente. Inclinou-se mais para uma das heranças – a da perigosa dádiva de Prometeu – marginalizando a outra, talvez pela dificuldade em lidar com a diferença. Essa inclinação terá consequências, pois o homem será um Prometeu epimeteico, carregará Epimeteu, o irmão de Prometeu, deus reverso a ele que não pré-vê. Epimeteu, ao contrário do irmão, só percebe após ter feito. Recusando o castigo – Pandora – na medida em que lhe foi possível recusar, a primeira raça, a viril, foi astuciosa, porém cíclope.

Desde os primórdios do lógos ocidental, que consideramos nascido no século VI a.C. na Grécia, inclinou-se o homem para a compreensão do que poderia ser a *téchne* e seu exercício. Desenvolveu engenho e arte, imitou os deuses na fabricação de seres, dominou a natureza conforme seus desejos, além dos limites da sobrevivência. Ao delinear a natureza, as divindades afastaram-se e se transformaram em alegorias do pensar humano. Nunca deixaram de ser elas mesmas, pois a cada glorificação que o homem faz de si mesmo o divino está implicado como paradigma e fundamento dessa glorificação.

Em se tratando de uma herança divina, ela jamais se retira do fundo do gênero. E o homem criou coisas e saberes diversos, até mesmo o saber dos saberes, a Filosofia.

A Filosofia, o saber mais próximo ao divino, cuidou de explicar – não como contam os *mýthoi*, mas como argumentam os *lógoi* – que Odiséia era essa que os poetas cantavam e que convinha fundamentar. Como templo da sabedoria, explicou a técnica e seus *lógoi*. Ao fazê-lo, ajudou na via inclinada da historicidade humana, ao menos do Ocidente, ‘malgré elle-même’. Na sua espantosa polimorfia como filha de Athena, a Filosofia duplicou o peso do homem para um só lado. Mesmo assim, preservou e preserva o desconhecido, a abertura, o ‘thauma’, porque ao perguntar mantém o Eros transitivo de origem. Agarra a Filosofia o carisma e beleza de Pandora, e não se pode negar que seja astuciosa, engenhosa, inventiva,

que estructure mentiras e procure, mesmo tortuosamente, chegar ao verdadeiro, que use das técnicas sedutoras e belas previstas pelo lógos.

Se a arte de Prometeu foi prioritariamente expandida, cabe perguntar-se sobre Pandora, a segunda herança, essa vizinha desfavorável, esse castigo *in illo tempore*. Pandora é o logro para o sofrimento da primeira raça. Sim, mas é também seu deleite. Distante do técnico, da pré-vidência, Pandora não se amolda ao prometeico, apesar de ter parentesco com Métis, uma vez que Athena, filha de Métis e Zeus ajudou a fabricá-la. Que paradoxais heranças! A técnica prometeica implica na ação violenta que domina, no trabalho que transforma. Pandora é a felicidade infeliz. O que é Pandora?

II. O MITO DA RAÇA DAS MULHERES

Diz Hesíodo do feminino: é um *génos gynaikôn*, é uma raça, uma tribo (*Teogonia*, vv.590-591). O feminino é a mulher, um *kalón-kakón*, um belo-mal (v.585), um ardil imbatível. É ilusão (*Apaté*), fonte de dores e prazeres, de subjugo e esperança. Quanto mais o homem foge dessa raça secundária, nascida depois dele, mais está próximo dela. Compreendida como um fruto de sabor amargo – porque é ilusão sagrada que deve passar por ser –, ela é, eternamente, a dádiva de um ser, pois que é Pandora, e uma ilusão, um artefato de gênese diversa da gênese viril.

Entranhada na técnica sagrada é *Pseudós*, é *Apaté*, tem *Cháris* e *Kalós*, carrega o *thauma*. É o Mal porque é martírio para o masculino que dela depende. Assim leram os homens o *génos gynaikôs*, e o próprio *gynaikôs* leu-se pelo viés da primeira raça e aí acomodou-se.

Nicole Loraux⁵ nota que, na coletividade masculina pré-Pandora, a mulher como exemplar posterior é apartada desde a origem da primeira tribo. Não é, portanto, a Grande-mãe da humanidade, ao menos para Hesíodo, mas é auto-reprodutora, é mãe de si mesma, reproduz tanto sua própria tribo quanto a outra, por isso é uma terrível ameaça a quem dela depende. Sendo fabricação dos deuses tem algo deles: fabrica seres dentro de si mesma. Estranha arte essa que pode criar sem o conhecimento do processo técnico exteriorizado, exigido dos homens!

5. in *Sur la Race des Femmes e Quelques-uns de ser Tribus*, Arethusa, vol. II, 1978.

Nos tempos de Prometeu, antes desse presente-castigo, não havia ameaça. O masculino era uma unidade sob a égide da amizade (*philia*) e da coragem viril (*andria*). A raça feminina quebrou a totalidade viril. Os homens nasciam da terra e nela adormeciam para morrer, diz o mito. Com o *gênos genaikôn* veio o castigo do nascimento, o que fez Hipólito, na tragédia de Eurípides de mesmo nome, amaldiçoar o fato de provir de um útero de mulher. Diz ele:

...Ó Zeus, por que infligiste aos humanos esse doloso castigo, as mulheres, dispondo-o à luz do sol? Se querias propagar a raça dos mortais, às mulheres não era preciso requerer tal meio... (v.620)

Usando da própria arma de Prometeu, a pré-vidência astuciosa, mostrou Zeus aos homens que os deuses jogam entre si ao seu modo. Deuses caídos somos, viventes entre dádivas e castigos. A natureza recebeu a ordenação pré-vidente mas ao homem faltou a qualidade que o colocaria em comunhão com o todo, com os outros animais. Essa falta epimeteica implicou num certo modo de luta pela sobrevivência, como diz Platão no mito do diálogo *Protágoras*. Não é possível transcender a dupla origem, a ambígua herança de ter como garantia para a vida o engano prometeico e o doloso presente de Zeus. No jogo divino não adentramos mas participamos como metecos.

Quando o homem passou a acreditar no seu poder técnico como algo ilimitado, os deuses sorriram dessa onipotência. Quando tentou marginalizar o feminino de si mesmo e projetou esse modo na história, eles sorriram outra vez. A onipotência do pensar técnico-científico é o caminho mais curto para a ilusão, aquela mesma afastada no início, Pandora. A técnica, do modo como o homem tomou-a nas mãos fazendo-a campo dominante entre suas potencialidades, é seu mais recente belo-mal sem ser totalmente Pandora. Nesse ponto, cruzam-se as linhas de Prometeu e de Zeus e seus presentes. Se não, vejamos.

O que é o belo-mal, Pandora? Para os homens, é algo esteticamente querido e eticamente afastado. O que é belo, não é bom? Não se diz que o grego une *kalós* e *agathós*? Ou será tal união fabricada pelo paradigma da tribo viril? A necessidade de preservar a totalidade originária da ordem-masculina é mais forte. O homem, pela diferença que vê entre sua raça e 'a outra', procura controlar e marginalizar o que desconhece, colocando limites a si mesmo e ao que sente como ameaça. Entretanto, o desconhecido, à força do controle, permanece ilusionariamente à margem e não deixa de agir.

Ora, refletir sobre as obscuras relações entre a *téchne* da tribo viril e o *génos gynaikôs* é, em outras palavras, buscar as relações entre a onipotência nascida da força engenhosa do gênero e a própria fragilidade sempre presente, ou seja, entre a consciência de um poder técnico-positivo amante de si mesmo e o sucessivo assombro diante da beleza e da bondade, acompanhados do desconforto diante do desconhecido incontrolável. Tal reflexão amplia a estreita divisão homens-mulheres em campos diversos: trata-se do gênero humano. Mas é possível falar, especificamente, que na História os homens criaram para as mulheres uma série de interditos de modo a limitar o campo de ação dessa raça infame, e o que ele cria a essa raça cria também a tudo o que lhe amedronta como gênero. A mesma lógica cabe à mulher: como gênero tem as duas heranças e sua história amolda-se quase totalmente à leitura que lhe fez o masculino.

Como amostra das interdições ao feminino é instigante o comentário-conselho do poeta Semônides de Amorgos quanto aos cuidados que o homem deve ter com a mulher, recolhido por Nicole Loraux. Conhecendo os tipos de mulheres consegue-se ordenar e controlar essa 'tribo maldita'. O poeta cria dez tipos femininos: oito relacionados a oito animais (porco, raposa, cachorro, asno, lontra, jumento, macaco e abelha) e dois relacionados a elementos (terra e mar). Dentre os dez, há somente um bom que o homem não deve temer: a abelha, laboriosa. Há um outro que é flagelo, porém é interessante: a mulher-mar, oscilante, sedutora, dupla nos sorrisos e querelas, segundo comenta Loraux. Os outros tipos-animais recebem qualificativos nada lisonjeiros: a mulher suja, a vil, a astuciosa, a impudente, a embotada, a glutona, a impenitente, a lubrica, a faladeira.

Não só Semônides cuidou de apontar sobre a necessidade de cuidados para com a raça das *gynaiká*. A virtude da mulher é o silêncio, disse Péricles. E não é demais lembrar, segundo Loraux,⁶ que as mulheres gregas só tinham direito à lápide funerária se morressem em trabalho de parto, símbolo de uma guerra, e sob os cuidados de Ártemis, deusa virgem, guerreira, viril. Morrer no parto é, de algum modo, uma batalha para preservar a raça grega, é ter a carne dilacerada como o guerreiro ao ser transpassado pela lança. Quanto aos demais modos de morrer das mulheres, cabiam-lhes o anonimato.

A negação do feminino pelo temeroso (porém desejoso) imaginário masculino surtiu efeito, um efeito que deixou o *lógos* masculino mais

6. In *Façons tragiques de tuer une femme*, ed.Hachette, 1985, Paris.

inclinado e menos sabedor de si mesmo – ou epimeteico –, porém seguro na visão da potência de fabricação. Na mesma medida, o feminino tomou a si tal paradigma e esqueceu suas raízes sagradas. Na leitura que os homens epimeteicos fizeram da natureza – afinal um domínio da geração desconhecido e temido como a mulher –, ela foi compreendida como extensão da dominação social, podendo ser experimentada, modificada, domada por guerras, leis, argumentos. Apesar de segredosa na sua linguagem, como dirá Galileu, a *phýsis* (e também as cidades) está exposta ao domínio do *lógismos*.

Hoje, é difícil pensar qual é o sentido da técnica em sua relação com o *génos gynaikôn* exatamente porque o *lógos* que se tem é o da técnica. Vicia-se o movimento do olhar e da reflexão. A pedra de toque, todavia, parece-me ser o imaginário. Talvez por isso, parte da criação artística (no sentido estrito de arte) tem conseguido expressar mais claramente essa relação. Para tentar responder sobre a relação entre técnica, feminino, masculino falta-nos unir os *mýthoi* aos *lógoi* filosófico, literário, científico, religioso. Falta-nos a interdisciplinaridade, além da vivência mais larga do sagrado.

III. MÍMESIS, MASCULINO, FEMININO

O homem aprendeu que a fabricação é um processo de conhecimento e de ação que o grego chamou *poiêsis*. Aprendeu a imitar a natureza que faz nascer as coisas e a imitar a mulher, também geradora, paradoxalmente lida como mais filha da natureza do que ele, mesmo sendo miticamente uma raça secundária fabricada pelas divindades. Ao pensar a natureza e querer imitá-la, por alguma estranha intuição o masculino não se colocou, de início, tão amplamente no domínio da *phýsis* como dispôs o feminino. Aprendeu que, no caso da mulher, havia um mistério gerativo e soube-se dependente dele para fazer nascer. Não foi difícil que, intérprete de sua própria história, viesse a considerar-se princípio ativo nessa atividade, mais participante do mistério do que o próprio receptáculo do mistério. Transformou o feminino em matéria passiva inferiorizando-o na comparação, apesar das evidências lógicas em contrário. E no passo seguinte, fará o mesmo com a própria *phýsis* até laicizar o processo de geração.

Um exemplo desse jogo está na leitura que se faz de Platão quando, no *Timeu*, afirma o terceiro princípio cósmico, *Chôra*, como uma espécie de receptáculo. Apesar de nada ter afirmado quanto à passividade e inferioridade de *Chôra*, assim foi sedimentado seu pensamento a respeito. A

ideologia, usemos tal palavra, é astuciosa em firmar tenazmente a linha de leitura que deseja quando quer conservar a negação de uma das heranças, Pandora no caso. Ou, falando em outros termos, quando quer marginalizar o assombro e o desconhecido. E assim fez, impondo esquema semelhante aos poucos textos que fugiam desse padrão.

Sabemos que a dualidade foi e tem sido a marca mais vibrante da história do ocidente: matéria e forma, corpo e alma, razão e paixão, deuses e homens, interior e exterior, público e privado, significante e significado, ética e política, masculino e feminino, ativo e passivo... Essa dualidade torna-se problemática quando valoriza um dos lados em detrimento do outro, retirando a tensão entre os opostos. Ora, o pensamento técnico sobrevalorizou-se ao acreditar que dizer o ser é dizer o modo como uma coisa é feita ou como se processa.

Ao considerar o ser nele mesmo como invenção metafísico-religiosa, acreditou-se que Ser é aquilo que o pensamento técnico diz que é; ele dirá do que uma coisa é feita ou como se processa, não responde o que ela é. Também a vida do homem passou a ser o que ele diz dela, tecnicamente.

Temos infindáveis exemplos para demonstrar esse estranho jogo torto, que não é o caso de aprofundar nos exíguos limites destas considerações, apenas assinalar, dada sua complexidade. Cito apenas um: é digno de nota o fato de, nos EUA, haver uma quantidade exagerada de museus de cera e de exposições de objetos que reproduzem a vida dos homens. A mimetização é excessiva e o cinema é a arte americana, por excelência. Nesse país (mas não só nele), proliferam centros de lazer onde se construíram pequenas florestas que imitam as florestas amazônicas, lagos artificiais que imitam mares, castelos de madeira que imitam castelos de pedra, feras de gesso que imitam feras da África; as indústrias criam açúcares que imitam o açúcar, cereais que imitam cereais, cafés que imitam café, nicotinas que imitam nicotina. É marcante que comportamentos cotidianos imitem, tenazmente, comportamentos já miméticos expandidos pelo campo da propaganda. Além disso, produzem-se inesgotáveis filmes apocalípticos imitadores de nossos sentimentos de onipotência expostos no herói, ou de nosso medo de extermínio quando não conseguimos ser heróis.

Quero dizer com isso que, quando passamos a viver densamente essa superfície mimética, a isto a Psicologia chamou des-realização⁷, uma

7. Agradeço a meu amigo Cid Vale de Sousa, psicólogo clínico, pelas conversas elucidativas a respeito.

espécie de psicose em que a realidade é 'realmente' a imitação e só há essa realidade, nenhuma outra tem peso. Enlouquecemos, a bem dizer. Uma criança matará porque imitará, mas ao imitar não sente o gosto que experimentou quando aprendeu a matar virtualmente e irá buscá-lo em outros assassinatos. A realidade é pobre para esse ser des-realizado, seu imaginário está comprometido com o redobro da *mimesis* e nenhum sentimento será mais real do que o ilusório. A realidade não tem densidade.

O homem inclinou-se demasiado. Pode, então, vivenciar a própria fragilidade pelo assombro dessa situação aparentemente desconhecida. O mimetismo do feitiço está contra o feiticeiro mimetizador. Nesse momento, seria interessante pensar que o feminino (e não só ele) lhe falta como realidade desconhecida, diferente e não-persecutória.

Preservado desde o mito como lugar do mal e do belo, o feminino deverá fazer parte da Odisséia humana em outra perspectiva. Ele é a herança divina que presenteia o gênero humano com a força do saber-se frágil diante da abertura do desconhecido, do *Cháos* como indeterminado. O masculino é a herança divina que presenteia com a força do saber-se pensante diante dos limites, das determinações.

Ordenar, medir, pesar, qualificar, quantificar, articular, matematizar enfim, é parte da sobrevivência. Aprender a não fazê-lo onde e quando não é possível ou não se deve fazê-lo, também. Aprender que há força na fragilidade e que há saberes que não são quantificáveis e calculáveis, é difícil porém viável. Nesse tipo de aprendizado, o homem moderno pouco se exercita. Acostumou-se ao jogo automático do poder e pouco sabe sobre a abertura, que não é um jogo. Ele não suporta a visão da goela ou vão ešcancarado, isto é, do *cháos* primordial de onde tudo nasce e que sempre o acompanha, pura potencialidade indistinta.

Como se houvesse Pandora por detrás de Dioniso Zagreus, lê-se que tudo o que não for claro e distinto será digno de apreensão e deverá ser afastado. Pandora será afastada e Dioniso será temido. A clareza e distinção foi o caminho escolhido. Mas sendo os deuses alegres, ao jogarem conosco assim determinaram: quanto mais fugirmos de algo, mais o encontraremos.

Assim é que, a própria Ciência, senhora do olhar do homem nesse momento da história humana, um olhar dual, preconceituoso, simplificador, alegórico, afirma, através de um de seus expoentes, Werner Heisenberg, que o saber científico, assentado que está na observação, não pode conhecer a certeza. Pelo "Princípio da Incerteza", Heisenberg diz que partículas mínimas não podem ser conhecidas porque o homem não tem,

como partícula que também é, grande poder de observação “angular”, interferindo, ao observar, naquilo que observa. Uma micro-partícula aparece como feixe de ondas ou como corpúsculos, dizia também Max Planck, dependendo do poder de observar, mas o que é ‘realmente’ o observado?

Se o que pretendemos conhecer não se adequa às lentes de um macro ou microscópio, como podemos dizer o que ele é senão através do efeito do maquinário criado à nossa imagem e semelhança? Podemos, sim, calcular que talvez ‘a’ seja ‘f’. E Einstein dirá: pode-se provar pelos cálculos o que nem sempre a realidade observável informa. Einstein, um clássico em muitos aspectos, crê poder ter do real sua ‘verdade calculada’. Mas o que é o real? Ou estamos diante de uma ‘falsa questão’, porque metafísica?

Hoje, o homem prometeico-epimeteico envolve-se em paradoxos e os assume, algo de que sempre fugiu. Mas o claro e o distinto parecem persistir, teimosamente, nos valores sociais e no cotidiano de cada um. Todavia, foi entre os homens mais epimeteicos, porque mais avançados no pensar técnico – os físicos –, que emergiu o feminino sinalizado na ambigüidade de Einstein ao afirmar a realidade de seus sonhos e do seu ‘sexto sentido’, em Planck e Heisenberg ao assumirem os limites do conhecimento e, sem dúvida, na Psicologia de S. Freud e na de G. Jung ao desenvolverem o pensamento sobre o Inconsciente. Como dissera Nietzsche na ‘Vontade de Potência’, muito femininamente, ao assumir os limites do homem diante da vida:

...A instabilidade poderia ser interpretada como gozo da força criadora e destruidora, como “criação perpétua”.

A instabilidade é dionisíaca, quer como descontrole, quer como abertura preme de potência. Se quisermos persistir na dualidade, temos: de um lado, intuição, geração, mistério, assombro, incerteza; de outro, clareza, cálculo, ordem, segurança, previsão. Tal oposição pode, no entanto, ser afirmada, de uma só vez, como força criadora-destruidora pertinentes a Prometeu e Pandora expandida além dos limites do olhar da técnica. Para o homem e a mulher desviarem-se do olhar cíclope, será preciso reconsiderar o modo técnico de agir e receber o mundo afirmando as diferenças, o que significa, em última instância, abrirem-se, masculino e feminino, ao *génos gynaikón* originário como parte de si mesmos.